

O 2.º módulo de 2017 do Physalis Challenge terá lugar nos próximos dias 18 e 19 de novembro



**LIVE**

# ALERGOLOGIA

**ESPECIAL**

**E IMUNOLOGIA CLÍNICA**

DIRETOR: JOSÉ ALBERTO SOARES  
JULHO 2017 | 3 EUROS  
WWW.JUSTNEWS.PT

Publicações  
 justNews



**SPAIC**

**GRUPOS  
DE INTERESSE**

**APRESENTAM PLANOS DE AÇÃO**



PUBLICIDADE

# sumário

- 06 Elisa Pedro**  
38.ª Reunião Anual da SPAIC  
– Alergia e qualidade de vida
- 08 16.ª Reunião da Primavera**  
Terapêuticas biológicas com resultados nas situações clínicas mais graves
- 10 1.º módulo de 2017 do *Physalis Challenge***  
SPAIC prepara jovens imunoalergologistas para “situações mais difíceis” na asma
- 12 Grupo de Jovens Imunoalergologistas Portugueses**  
Magna Correia / Luís Miguel Vieira  
Unir os sócios juniores, criando uma genuína *network* da especialidade
- 13 Luís Miguel Borrego / Mariana Couto**  
*Revista Portuguesa de Imunoalergologia*
- 14 “A presença deficitária de imunoalergologistas no SNS impede uma intervenção mais qualificada”**  
Entrevista com Ana Todo-Bom, presidente de honra da 38.ª Reunião Anual da SPAIC
- 16 GI em Asma e Alergia no Desporto**  
João Gaspar Marques / Diana Silva  
Elo de ligação entre clínicos e comunidade, com parcerias de investigação e formação
- 17 GI em Alergia Alimentar**  
Ana Célia Costa / Ana Luísa Ferreira  
Apostar numa maior divulgação de informação, tanto aos doentes como à comunidade médica
- 18 GI de Imunodeficiências Primárias**  
Torres da Costa / Sara Silva  
Aumentar o reconhecimento das IDP e promover o melhor acesso a cuidados terapêuticos
- 19 GI em Alergia a Fármacos**  
Joana Caiado / Luísa Geraldes  
Agregar métodos de diagnóstico e orientação de doentes com alergia a medicamentos
- 20 GI de Anafilaxia e Doenças Imunoalérgicas Fatais**  
Ângela Gaspar / Natacha Santos  
Aumentar a visibilidade e o conhecimento da anafilaxia junto dos profissionais de saúde
- 21 GI de Alergénios e Imunoterapia**  
Amélia Spínola Santos / Luís Araújo  
Formação e atividades de caráter científico
- 22 GI de Alergia Cutânea**  
Cristina Lopes / Marta Neto  
Criação de plataformas de trabalho com registo nacional
- 23 GI em Cuidados de Saúde Primários**  
Rui Costa / Pedro Silva  
Aumentar o número de especialistas de MGF nas reuniões anuais
- 24 GI de Rinite**  
Ana Margarida Pereira / José Geraldo Dias  
Participação em estudos para conhecer melhor a realidade portuguesa
- 25 GI de Asma**  
Celso Pereira / Helena Pité  
Promoção da investigação e maior intervenção na comunidade
- 26 GI em Aerobiologia**  
Carlos Nunes / Mário Morais de Almeida  
Calendários polínicos ajudam doentes e profissionais de saúde

08



10



14



**Jovens imunoalergologistas de ligação aos Grupos de Interesse da SPAIC**

**Aerobiologia**

Rosa Fernandes

**Alergia a Fármacos**

Bárbara Kong Cardoso

**Alergénios e Imunoterapia**

Joana Cosme

**Alergia Cutânea**

Rita Aguiar

**Asma e Alergia no Desporto**

Ana Luísa Moura

**Rinite**

João Antunes

**Alergia Alimentar**

Joana Belo

**Asma**

Filipa Semedo

**Imunodeficiências Primárias**

Frederico Regateiro

**Cuidados de Saúde Primários**

João Azevedo

**Anafilaxia e Doenças Imunoalérgicas Fatais**

Leonor Leão

**Jovens Imunoalergologistas Portugueses (JIP)**

**Coordenadora:**

Magna Correia

**Secretário:**

Miguel Vieira

Os vários Grupos de Interesse da SPAIC são os grandes protagonistas desta edição especial da *LIVE Alergologia e Imunologia Clínica*. Os seus coordenadores e secretários, com responsabilidades no triénio 2017-2019, apresentam-se e falam dos seus planos de ação.



**Foto de capa**  
Responsáveis dos Grupos de Interesse da SPAIC em "foto de família" obtida, em março, no Luso.

# Grupos de Interesse da SPAIC apresentaram planos de ação



*Na tarde de 24 de março 2017, ou seja, na véspera da 16.ª Reunião da Primavera, que teve lugar no Grande Hotel de Luso, a Direção da SPAIC reuniu com os coordenadores e secretários dos seus Grupos de Interesse (GI) e dos Jovens Imunoalergologistas Portugueses (JIP) e ainda com o editor da Revista Portuguesa de Imunoalergologia (RPIA), para discussão dos planos de ação e projetos futuros. Em declarações à Just News, Elisa Pedro, presidente da SPAIC, recorda que esta reunião, que se realiza anualmente desde há quatro anos, tem como objetivo "efetuar o ponto da situação em relação aos planos de ação propostos e delinear uma estratégia para o ano seguinte".*

**LIVE Especial Alergologia e Imunologia Clínica**

**Diretor:** José Alberto Soares **Assessora da Direção:** Cláudia Nogueira **Assistente de Direção:** Coreti Reis **Redação:** Bruno Miguel Dias, Maria João Garcia, Sílvia Malheiro, Susana Catarino Mendes **Fotografia:** Joana Jesus, Nuno Branco  
- Editor **Publicidade:** Ana Paula Reis, João Sala **Diretor de Produção Interna:** João Carvalho **Diretor de Produção Gráfica:** José Manuel Soares **Diretor de Multimédia:** Luís Soares **Morada:** Alameda dos Oceanos, Nº 25, E3, 1990-196 Lisboa **LIVE Especial Alergologia e Imunologia Clínica** é uma publicação da *Just News*, dirigida a profissionais de saúde, isenta de registo na ERC, ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99, de 9/06, Artigo 12º nº1A  
**Preço:** 3 euros **Depósito Legal:** 399405/15 **Impressão e acabamento:** TYPIA - Grupo Monterreina, Área Empresarial Andalucía 28320 Pinto Madrid, Espanha **Notas:** 1. A reprodução total ou parcial de textos ou fotografias é possível, desde que devidamente autorizada e com referência à *Just News*. 2. Qualquer texto de origem comercial eventualmente publicado nesta revista estará identificado como "Informação".

geral@justnews.pt  
agenda@justnews.pt  
Tel. 21 893 80 30  
www.justnews.pt

Publicações





PUBLICIDADE



ELISA PEDRO  
Presidente da Sociedade Portuguesa  
de Alergologia e Imunologia Clínica (SPAIC)

**Estima-se que as doenças alérgicas afetem cerca de um terço da população em Portugal.**

## ALERGIA E QUALIDADE DE VIDA

O tema escolhido para a 38.<sup>a</sup> Reunião Anual da SPAIC, que se realiza no próximo mês de outubro, é "Alergia e Qualidade de Vida", considerando dois aspetos fundamentais: por um lado, o aumento global das doenças alérgicas nos últimos anos, estimando-se que afetem cerca de um terço da população em Portugal; por outro, o conceito de qualidade de vida relacionada com a saúde, que envolve múltiplos aspetos da vida do doente, físicos, psicológicos e sociais.

Sem dúvida que este é um tema atual, fonte de reflexão e de discussão. Serão, assim, abordados temas como rinite e asma alérgica, alergia alimentar, alergia cutânea e anafilaxia, entre outros.

A doença alérgica também tem, frequentemente, um envolvimento sistémico, podendo ocorrer diversas manifestações clínicas num mesmo doente, o que diminui ainda mais a qualidade de vida.

A rinite alérgica é a doença alérgica mais comum, atinge cerca de 25% dos portugueses e os pacientes têm um risco aumentado de desenvolver asma. Estima-se que cerca de 40% dos doentes com rinite têm asma e mais de 80% dos asmáticos têm rinite. A asma é uma doença crónica frequente e potencialmente grave, que atinge cerca de 7% da população, mas apenas cerca de metade dos doentes com asma tem a sua doença controlada. Quando não controlada, acarreta pior qualidade de vida dos doentes e dos seus familiares, elevados custos de saúde e o absentismo laboral ou escolar.

O impacto na qualidade de vida é tanto maior quanto pior for o controlo da doença. O mau controlo pode ter, como consequência, agudizações graves de asma, com necessidade de internamento. O *Asthma Quality of Life Questionnaire* (AQLQ) é um questionário específico da asma que avalia a limitação das atividades, sintomas e emoções. Um estudo realizado em Portugal, utilizando o mini-AQLQ, verificou que os doentes com asma controlada têm uma qualidade de vida significativamente melhor quando comparados com os doentes com asma não controlada.

A rinite alérgica também tem um impacto significativo na qualidade de vida das pessoas. A perturbação da qualidade do sono, decorrente dos sintomas de rinite, tem como consequência a sonolência diurna e a dificuldade de concentração com interferência no desempenho das atividades diárias. O impacto socioeconómico da rinite alérgica é elevado, com custos diretos de saúde, mas também indiretos, estes últimos relacionados com a perda de produtividade.

Quanto à urticária crónica, atinge cerca de 1% da população e 20% destes doentes têm sintomas persistentes por mais de 20 anos, que se associam a pior qualidade de vida, sendo causa de níveis elevados de ansiedade e de isolamento social. Cerca de dois terços

das urticárias crónicas são espontâneas, com impacto significativo na qualidade de vida, resultando também em elevados custos diretos e indiretos, nomeadamente com medicamentos, consultas médicas, idas às urgências, hospitalizações, absentismo laboral e escolar e presenteísmo.

O *Chronic Urticaria Quality of Life Questionnaire* (CU-Q2oL), questionário específico para a urticária crónica espontânea, está a ser validado para a população portuguesa e analisa o prurido, o impacto nas atividades diárias, a perturbação do sono, limitações e aspeto físico.

A anafilaxia é outro tema a abordar, cuja reação alérgica grave generalizada e potencialmente fatal é caracterizada pelo rápido início de dificuldade respiratória e/ou circulatória, geralmente associada a manifestações da pele (urticária) e/ou das mucosas (edema).

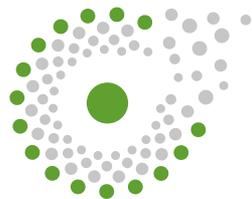
A anafilaxia, que passou a ser de notificação obrigatória em Portugal em 2012, é ainda mal diagnosticada e subtratada entre nós, colocando em risco 0,5 a 1,5% da população portuguesa (até 150 mil portugueses), sendo que, abaixo dos 18 anos, os alimentos são a sua principal causa.

Para além dos alimentos, os medicamentos e picadas de insetos são as causas mais prevalentes de anafilaxia. Enquanto os alimentos são a causa mais comum nas crianças, os medicamentos e o veneno de himenópteros (abelha/vespa) são a causa da maior parte das reações anafiláticas nos adultos, com maior frequência nas mulheres do que nos homens. As reações alérgicas graves, que podem comprometer a vida, têm assim um elevado impacto na qualidade de vida dos doentes e seus familiares, sobretudo no caso das crianças. Nos casos mais graves, são causa de ansiedade e podem associar-se a estados depressivos e de isolamento social.

Com a abordagem deste tema, pretende-se fazer uma chamada de atenção para o impacto das doenças alérgicas na qualidade de vida dos doentes e seus familiares e para a importância da avaliação da qualidade de vida na prática clínica, através de questionários, sempre que possível, validados, de modo a estabelecer planos individuais de prevenção e controlo das doenças alérgicas, reduzindo os custos sociais e económicos.

### Referências:

1. Sá-Sousa A. et al. Asthma control in the Portuguese National Asthma Survey. *Rev Port Pneumol.* 2015;21(4):209-13.
2. Costa C. et al. Abordagem diagnóstica e terapêutica da urticária crónica espontânea: recomendações em Portugal. *Acta Med Port* 2016;29(11):763-81.
3. Bacal LR. The impact of food allergies on quality of life. *Pediatr Ann* 2013;42(7):141-5.
4. SJC Gonçalves. Qualidade de vida na doença alérgica. 2016. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/36670>.



# SPAIC

SOCIEDADE PORTUGUESA DE  
ALERGOLOGIA E IMUNOLOGIA CLÍNICA



## 38ª Reunião Anual Alergia e Qualidade de Vida

6 a 8 Outubro 2017  
Hotel Eurostars Oasis Plaza, Figueira da Foz

Consulte o website aqui:



spaic2017.pt



Secretariado Executivo:  
AIM Group International – Lisbon Office  
T.: +351 21 324 50 41  
E.: spaic2017@gmail.com

evento

**16.ª Reunião da Primavera**  
Luso, 25 de março 2017

# TERAPÊUTICAS BIOLÓGICAS COM RESULTADOS NAS SITUAÇÕES CLÍNICAS MAIS GRAVES

*Elisa Pedro fez-se acompanhar do seu antecessor na presidência da SPAIC, Luís Delgado, e da vice-presidente para a área dos Congressos e Eventos, Emília Faria, na sessão de abertura da 16.ª edição da Reunião da Primavera. O segundo maior evento anual desta Sociedade juntou no Luso cerca de duas centenas de participantes e em debate estiveram as terapêuticas biológicas em Imunoalergologia.*

De acordo com a imunoalergologista do Centro Hospitalar Lisboa Norte, os especialistas presentes na reunião “estiveram todos muito interessados nesta temática dos medicamentos biológicos, que têm contribuído para a melhoria significativa das situações clínicas mais graves”.

A presidente da SPAIC falou à *Just News* durante a Reunião da Primavera, realizada a 25 de março, nas vésperas da Semana Mundial da Alergia, que este ano foi subordinada ao tema “Urticária crónica – A angústia da urticária – O que fazer quando a urticária e o angioedema não desaparecem”.

Estima-se que a urticária crónica afete cerca de 1,8% da população. “Trata-se de uma doença em que as lesões têm uma duração superior a seis semanas e que condicionam a qualidade de vida”, lembra Elisa Pedro, sublinhando que, apesar de não ter cura, “existem, atualmente, vários medicamentos disponíveis”.

E recorda os avanços que se têm verificado nesta área, nomeadamente, com a recente “aprovação de uma terapêutica biológica (anti-IgE) muito eficaz no tratamento da

urticária crónica grave, que pode contribuir para o alívio dos sintomas”. Patologia que, como refere, “leva os doentes ao desespero quando as lesões não desaparecem”.



**Direção da SPAIC: Pedro Martins (vice-presidente), Elisa Pedro (presidente), Rodrigo Rodrigues Alves (tesoureiro), Ana Morête (secretária-geral adjunta), Emília Faria (vice-presidente), João Fonseca (vice-presidente) e Manuel Branco Ferreira (secretário-geral)**



A presidente da SPAIC espera que a mensagem transmitida na Semana Mundial da Alergia tenha passado, afirmando: “O objetivo sempre foi alertar para esta doença, a fim de se ganhar uma maior consciencialização, de modo a que se partilhe informação sobre o alívio dos sintomas que, por vezes, são insuportáveis.” Segundo Elisa Pedro, um terço dos portugueses são alérgicos e a maioria apenas procura ajuda no médico quando os sintomas são graves. Uma situação preocupante, no seu entender. “As pessoas devem ser referenciadas para a Imunoalergologia numa fase precoce, é esta a especialidade que tem o conhecimento necessário para dar o melhor acompanhamento”, afirma.

# DOS



*Estima-se que a urticária crónica afete cerca de 1,8% da população. “Trata-se de uma doença em que as lesões têm uma duração superior a seis semanas e que condicionam a qualidade de vida”, lembra Elisa Pedro.*



Melgaço recebeu 1.º módulo de 2017 do *Physalis Challenge* nos dias 13 e 14 de maio 2017

# SPAIC PREPARA JOVENS IMUNOALERGOLÓGICOS PARA "SITUAÇÕES MAIS DIFÍCEIS" NA ASMA

A asma foi o tema central da primeira sessão de 2017 do *Physalis Challenge*, o evento que, durante dois dias, reuniu jovens imunoalergologistas em Melgaço. A sua escolha teve por base o facto de a asma ser uma das patologias mais frequentes da especialidade, à qual os médicos da área dedicam "grande parte do seu dia-a-dia", como salientou à *Just News Ana Morête*, da Direção da SPAIC, uma das responsáveis pelo encontro, realizado em parceria com o laboratório A. Menarini Portugal.

diretamente no programa científico. Os conteúdos são da responsabilidade dos internos dos últimos anos da especialidade", referiu.

O projeto *Physalis* passa também a ter 2 módulos por ano, cada um deles com um tema clínico e outro não clínico, estando já a próxima sessão agendada para os dias 18 e 19 de novembro.

Outra novidade prende-se com a inclusão de um orador internacional por módulo, já que "os *inputs* do exterior são uma mais-valia na formação", salienta Ana Morête. Neste primeiro módulo, que decorreu nos dias 13 e 14 de maio, o orador convidado foi Enrico Heffler, um dos



Para a especialista, esta é uma forma de os internos terem, desde o início, "uma noção e uma visão global de uma doença essencial na sua prática clínica" e que, "quando não é devidamente tratada, tem um grande impacto na vida dos doentes, limitando fortemente a sua atividade profissional, escolar e social".

Quanto aos "*patient-reported outcomes*", o enfoque esteve na explicação do processo de tradução e adaptação para português deste tipo de questionários, bem como na capacitação e demons-

tração de como e quando é necessária a sua aplicação.

"O objetivo é ter em conta a qualidade de vida e o controlo da patologia, de modo a que os internos possam estar preparados para fazer face a situações mais difíceis no dia-a-dia da sua prática clínica", observou.

De acordo com Ana Morête, o balanço do *Physalis Challenge* é "extremamente positivo". Mencionou ainda que foi "um modo excecional de dar as boas-vindas aos recém-chegados internos do 1.º ano de Imunoalergologia e de todos os par-

ticipantes terem a oportunidade, numa vivência comum, de se darem a conhecer uns aos outros, criando laços que consideramos essenciais para o sucesso destas iniciativas."

### Novo formato do *Physalis* com mais envolvimento dos internos

A médica realçou ainda que, este ano, o conceito de organização do evento foi diferente. "Acrescentou-se a palavra *Challenge* no nome da reunião, porque desafiámos os internos a envolverem-se



# OGISTAS MA

ex-presidentes (2011-2013) dos *Junior Members & Affiliates* - JMA, o grupo de jovens imunoalergologistas que integra a European Academy of Allergy and Clinical Immunology (EAACI). Este especialista integra, atualmente, a Direção da Secção de Asma da EAACI.

Magna Correia, coordenadora do Grupo de Jovens Imunoalergologistas Portugueses da SPAIC, também esteve envolvida na organização do evento. "A criação de uma rede de contactos, a possibilidade de troca e partilha de experiências ou, inclusivamente, um contacto prévio para estabelecimento de parcerias futuras ou agendamento de estágios" são, no seu entender, mais-valias que importa registar.



Magna Correia, João Fonseca e Ana Morête

**O 2.º módulo de 2017 do Physalis Challenge terá lugar nos próximos dias 18 e 19 de novembro.**



## Grupo de Jovens Imunoalergologistas Portugueses



**MAGNA CORREIA**  
Coordenadora do Grupo de Jovens  
Imunoalergologistas Portugueses



**LUÍS MIGUEL VIEIRA**  
Secretário do Grupo de Jovens  
Imunoalergologistas Portugueses

## UNIR OS SÓCIOS JUNIORES, CRIANDO UMA GENUÍNA NETWORK DA ESPECIALIDADE

O Grupo de Jovens Imunoalergologistas Portugueses (JIP), conceptualmente pensado e criado pela primeira vez em 2000, tinha como objetivo primário promover e dinamizar a especialidade de Imunoalergologia, servindo de elo de ligação entre os mais novos, internos da especialidade, e o seio da Sociedade, acrescentado assim valor e uma nova vitalidade às atividades desenvolvidas pela mesma.

A verdade é que, em 2017, os desafios de outrora continuam bem presentes. Aliás, podemos inclusivamente afirmar que a estes apenas se acrescentaram novos desafios, os inerentes aos dos dias de hoje.

Concebido para proporcionar um maior intercâmbio entre todos os jovens da especialidade, o grupo de JIP é, hoje em dia, uma referência para todos. Num percurso marcado por atividades diversas e representações importantes da especialidade e do país um pouco por todo o mundo, este grupo conta, atualmente, com mais de 70 membros.

Como objetivos principais, o grupo propõe-se: promover o desenvolvimento da especialidade de Imunoalergologia; informar internos e jovens especialistas em Imunoalergologia sobre assuntos relacionados com a especialidade; fomentar e dinamizar atividades dirigidas aos JIP; participar ativamente em reuniões da SPAIC, nomeadamente com a organização de mesas-redondas sobre temas de interesse para os JIP; impulsionar a criação de prémios e de bolsas de estudo/investigação dirigidos aos JIP; manter e tornar acessível a todos os membros do Grupo a *newsletter* informativa do mesmo; promover a participação dos JIP em atividades de outras sociedades, designadamente AAAAI, EAACI, SEAIC, SLAAI, SLBAI e WAO; divulgar ativamente todas as atividades da Sociedade e respetivos grupos pelos veículos de comunicação mais importantes.

Como missão e valores, acreditamos que é possível unir os sócios juniores de Norte a Sul do País, criando uma rede real de interajuda, de partilha de conhecimentos e de experiências, uma verdadeira e genuína *network* da especialidade. Acreditamos ainda que o tempo é este e que temos todas as ferramentas ao nosso alcance para o fazer.

O envolvimento dos JIP nas atividades da SPAIC é já um dado adquirido. Por um lado, a inclusão do coordenador do grupo nas reuniões de Direção é, nos dias de hoje, uma realidade e um marco extremamente positivos para o Grupo.

Por outro lado, o aproximar dos JIP aos diversos grupos de interesse da Sociedade, com a criação do cargo de JIP de ligação a cada Grupo de Interesse, foi, sem sombra de dúvida, uma mais-valia, pelo dinamismo acometido.

Neste sentido, aproveitamos para congratular todos os colegas eleitos a JIP de ligação, nomeadamente:

- Rosa Fernandes (Aerobiologia);
- Joana Belo (Alergia Alimentar);
- Bárbara Cardoso (Alergia a Fármacos);
- Rita Aguiar (Alergia Cutânea);
- Joana Cosme (Alergénios e Imunoterapia);
- Leonor Leão (Anafilaxia e Doenças Imunoalérgicas Fatais);
- Filipa Semedo (Asma);
- Ana Luísa Moura (Asma e Alergia no Desporto);
- João Azevedo (Cuidados de Saúde Primários);
- Frederico Regateiro (Imunodeficiências Primárias);
- João Antunes (Rinite).

Por fim, nos passados dias 13 e 14 de maio, decorreu em Melgaço o 1.º módulo do Programa *Physalis Challenge*, um programa pós-graduado de formação para Internos de Imunoalergologia que contou com a presença de um convidado internacional, Enrico Heffler, *expert* em asma e antigo presidente dos *Junior Members* da Academia Europeia (EAACI).

Com tudo isto, propomo-nos pôr mãos ao trabalho e, com este e com os novos projetos a que nos propusemos, acrescentar mais valor a esta Sociedade que para nós é querida por demais.

# REVISTA PORTUGUESA DE IMUNOALERGOLOGIA

A *Revista Portuguesa de Imunoalergologia* (RPIA) tem mais de duas décadas de existência. Foi publicada pela primeira vez em novembro de 1991 (Vol I, N.º 1) e tem divulgado, ao longo de todos estes anos, a produção científica nacional, primando pelo elevado nível de qualidade científica, ao incorporar no seu conselho redatorial especialistas de renome nacional e internacional.

A RPIA é a única revista da especialidade em língua nativa, sendo motivo de orgulho o início da sua divulgação no Brasil, por intermédio da ASBAI (Associação Brasileira de Alergia e Imunologia) e pela Medicina Geral e Familiar, através do GRESP (Grupo de Estudos de Doenças Respiratórias da APMGF).

Pelo facto de ser uma revista em língua portuguesa, é frequentemente procurada por especialistas de Imunoalergologia ou médicos que trabalham nesta área e que se expressam na nossa língua, pelo que é da maior importância manter a qualidade da RPIA, principal órgão oficial da SPAIC, que contribui para a divulgação da investigação científica nacional e a melhoria da prática clínica na área de Alergologia e Imunologia Clínica.

Pretende-se a colaboração ativa de todos os sócios, particularmente dos coordenadores dos grupos de interesse da SPAIC e dos membros juniores da nossa Sociedade, para renovar e robustecer a nossa revista.

Com quatro números por ano, a RPIA sofrerá uma remodelação de imagem e *design*, estando prevista a criação da Página Educacional, onde serão colocados artigos com caráter educativo ou artigos informais destinados ao grande público, ou ainda material para *download*, mantendo-se o restante formato habitual (editorial, 1 artigo de revisão, 1 artigo original, casos clínicos, notícias, artigos comentados).

Nos últimos anos, com a evolução tecnológica, as revistas em formato eletrónico têm vindo a substituir as revistas clássicas em papel e a RPIA também se atualizou nesse sentido. Assim, desde há vários anos que a nossa revista está disponível no *site* da SPAIC ([www.spaic.pt](http://www.spaic.pt)) com o *link* <http://rpi.spaic.pt/> com arquivos desde 1998, sendo possível aceder à visualização em PDF de cada artigo através do índice de cada revista.

Recentemente, os sócios também podem contar com a distribuição por correio eletrónico através do *link* específico para cada revista publicada, distribuição essa que, como referido, se irá também alargar através da ASBAI e GRESP.

A crescente qualidade e a quantidade da investigação imunoalergológica em Portugal tem de ser divulgada e uma das melhores formas da sua divulgação é a publicação, a nível nacional ou internacional.



LUÍS MIGUEL BORREGO  
Editor da RPIA



MARIANA COUTO  
Secretária-geral da RPIA

Já foi ver hoje o que  
se passa na Saúde?

Ana Todo-Bom, presidente de honra da 38.<sup>a</sup> Reunião Anual da SPAIC:

# “A PRESENÇA DEFICITÁRIA DE IMUNOALERGOLOGIA NO SNS IMPEDE UMA INTERVENÇÃO MAIS QUALIFICADA”

*Para Ana Todo-Bom, a utilização de inquéritos para avaliação do impacto da doença e da terapêutica na qualidade de vida dos doentes foi um passo importante na Imunoalergologia. A especialista considera que esta é uma das ferramentas que contribui para os ganhos em saúde das pessoas que vivem com doença alérgica. Apesar de considerar a Imunoalergologia “a Medicina Interna da doença alérgica”, a falta de especialistas tem óbvias consequências negativas.*

O enfoque na qualidade de vida das pessoas que sofrem de doença alérgica foi um dos pontos mais positivos da Imunoalergologia desde que a especialidade teve início, com formação hospitalar, em 1987, segundo Ana Todo-Bom.

“A mudança de paradigma de uma avaliação assente, sobretudo, na observação médica, complementada por informação dos meios complementares de diagnóstico e terapêutica, para outra que também valoriza a avaliação que a pessoa faz da sua doença e a forma como interpreta o impacto que a patologia tem na sua vida, tem outro interesse e relevância”, indica a médica, que é especialista em Imunoalergologia há 26 anos.

Foi com satisfação que soube da escolha da temática da 38.<sup>a</sup> Reunião Anual da SPAIC, que vai decorrer entre 6 e 8 de outubro de 2017. “É essencial perceber de que forma a alergia e a terapêutica utilizada têm influência na vida física, psicológica, social e familiar.”

Ana Todo-Bom, que foi presidente da SPAIC entre 2002 e 2004 – num mandato marcado pela decisão de manter a reunião anualmente e pela implementação dos grupos de interesse –, relembra a importância da aplicação de questionários na obtenção deste género de informação junto dos utentes.

“No âmbito do GA2LEN (*Global Allergy and Asthma European Network*), fui coautora de recomendações para a necessidade de os médicos imunoalergologistas recorrerem a este tipo de ferramentas, a fim de terem uma noção mais exata do impacto da doença alérgica na vida dos seus utentes”, recorda.

No seu entender, “os inquéritos para

avaliação da qualidade de vida também têm benefícios em termos de investigação, para se fazerem análises comparativas entre doenças, populações e respostas a diferentes tipos de intervenção terapêutica”.

Estas ferramentas de avaliação incluem diversas questões, dependendo do objetivo definido para cada inquérito, tais como: caracterização e interferência da doença e da medicação em várias vertentes da vida; sintomas; limitações no trabalho, na escola ou em atividades de lazer; satisfação com o acesso à saúde; questões económicas afetadas pela saúde.

Ana Todo-Bom realça que os inquéritos assentam, essencialmente, no pressuposto de se conhecerem as expectativas dos doentes: “O controlo da doença alérgica é quase sempre efetivo, hoje em dia, desde que a medicação e as medidas de evicção recomendadas sejam cumpridas. No entanto, qualquer doença ou intervenção terapêutica tem particularidades e limitações, sendo, por isso, necessário aferir as que afetam a vida de cada individuo em concreto, tal como são percecionadas pelo próprio.”

Quanto à sua aplicação, Ana Todo-Bom acredita que já são bastante utilizados, dadas as recomendações do início dos anos 2000, mas nunca é demais apelar aos mesmos.

## **Mais reconhecimento da Imunoalergologia e participação de vacinas**

Olhando para a Imunoalergologia, a presidente de honra da próxima Reu-

nião Anual da SPAIC diz-se satisfeita com as evoluções sentidas na área do diagnóstico e da terapêutica, mas há pontos que ainda precisam de mudanças. “Ao fim de 30 anos de especialidade, a presença de imunoalergologistas no Serviço Nacional de Saúde ainda é claramente deficitária, limitando uma intervenção mais qualificada nesta área médica. Esperávamos, por exemplo, que já tivessem sido abertas mais vagas, nomeadamente em hospitais de periferia”, confessa.

E continua: “A referenciação continua a ter falhas, com doentes a serem encaminhados para outras especialidades por desconhecimento ou falta de médicos hospitalares, ou a serem referenciados apenas em fases mais avançadas da doença, com claro prejuízo na orientação mais adequada às diferentes manifestações de alergias.”

Ana Todo-Bom chega mesmo a dizer que “a Imunoalergologia é a Medicina Interna da doença alérgica”. Contudo, reconhece, “há casos que podem e devem ser controlados e resolvidos pelos médicos de Medicina Geral e Familiar, pois, os colegas têm competências para essas situações mais ligeiras”.

Outra questão que também a preocupa é a não participação das vacinas anti-alérgicas: “Foi um retrocesso muito grande quando o poder político decidiu retirar este apoio, porque as vacinas são a única terapêutica que nos permite alterar a história natural da doença, possibilitando melhorias significativas na qualidade de vida das pessoas.” Espera, assim, que se venha a reverter esta questão da participação.



Quanto aos medicamentos não sujeitos a receita médica para doenças alérgicas, Ana Todo-Bom compreende que se tenha dado espaço a este mercado, face ao aumento das alergias, muitas delas ligeiras. Mas deixa uma chamada de atenção: “Apenas aliviam sintomas, não substituem o acompanhamento médico e, eventualmente, mascaram a gravidade de patologias que podem estar numa fase inicial, vindo a agravar-se mais tarde.”

# ALERGOLOGISTAS MUITO QUALIFICADA"



## Uma Sociedade com dinamismo

Fazendo um balanço da atividade da SPAIC, salienta o dinamismo da mesma: "Há sempre muitos projetos, os sócios são incentivados a participar e fazem-no porque sentem ser parte integrante desta Sociedade." Quanto aos grupos de interesse, uma iniciativa do seu mandato como presidente da SPAIC, "são uma forma de congregar médicos com motivação para refletir sobre áreas do conhecimento mais específicas e

de promover trabalhos de investigação a nível nacional e internacional".

No que toca à ideia da presidente, Elisa Pedro, de nomear um interno para cada um dos grupos de interesse, Ana Todo-Bom considera ser "uma medida muito interessante, que ajuda os internos a participar de forma ainda mais ativa na SPAIC, favorecendo a continuidade em qualidade". Contudo, alerta os futuros médicos imunológico-alergologistas de que não se devem especializar demasiado numa dada área duran-

te o Internato. "É um tempo muito curto, que exige a aquisição de conhecimentos sólidos e abrangentes para que se possa vir a ser um bom profissional nas diversas vertentes que lhes serão exigidas."

No futuro, otimista como gosta de se definir, acredita que a forma de fazer valer a Imunoalergologia passa, fundamentalmente, pela formação e aquisição de competências, de modo a que os pares e a sociedade valorizem cada vez mais esta especialidade.

## Uma vida dedicada às doenças alérgicas

Tem dois filhos, Fernando e Sara, e é a eles que gosta de dedicar os seus tempos livres. Além desta vida familiar, que "muito preza", é diretora do Serviço de Imunoalergologia do CHUC desde 2013 e integra o Comité Científico da *Revista Portuguesa de Imunoalergologia*, bem como da *European Annal of Allergy and Clinical Immunology*.

É doutorada em Ciências da Saúde, ramo Medicina/Pneumologia, com uma tese sobre "Asma de longa duração – condicionalismos do envelhecimento". Além de docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, é coordenadora da *Global Allergy and Asthma European Network – GA2LEN* desde 2005.

Foi também vice-presidente da Sociedade Luso Brasileira de Alergologia e Imunologia Clínica, membro fundador da SEAS – South European Allergology Society e membro de comités institucionais da sociedade luso brasileira, da *World Allergy Organization House of Delegates* e da *EAACI Task Force on Allergy and Clinical Immunology Services in Europe*.

Coordenadora de formadores do projeto GLORIA da World Allergy Organization, foi membro do Grupo de Trabalho do PNCA – Programa Nacional do Controlo da Asma e do Conselho Científico do Programa Nacional para as Doenças Respiratórias.

Do seu longo currículo consta ainda o cargo de vogal do Conselho Científico da Fundação Portuguesa do Pulmão, do ARIA, *WHO Collaborating Center on Asthma and Rhinitis*, em Portugal, e o envolvimento no Plano Nacional de Saúde 2004-2010.

Um longo percurso que justifica o convite para ser a presidente de honra da 38.<sup>a</sup> Reunião Anual da SPAIC.

## Grupo de Interesse em Asma e Alergia no Desporto da SPAIC



**JOÃO GASPAS MARQUES**  
Coordenador do GI em Asma  
e Alergia no Desporto



**DIANA SILVA**  
Secretária do GI em Asma  
e Alergia no Desporto

## ELO DE LIGAÇÃO ENTRE CLÍNICOS E COMUNIDADE, COM PARCERIAS DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO

O Grupo de Interesse em Asma e Alergia no Desporto da SPAIC tem dois grandes desígnios: a promoção de um estilo de vida saudável nas pessoas com patologia alérgica, utilizando o desporto como uma ferramenta terapêutica fundamental; e melhorar os cuidados da doença alérgica relacionada com a prática desportiva.

Os objetivos do Grupo centram-se em:

- Promover a investigação sobre a etiopatogenia, prevalência e tratamento de doenças alérgicas relacionadas com desporto recreativo e de competição, incluindo a asma induzida pelo exercício, rinite, urticária e anafilaxia;
- Contribuir para a sensibilização, a consciencialização e a educação do público em geral, doentes e profissionais ligados ao desporto, nomeadamente professores e treinadores, sobre a abordagem e cuidados a prestar nas exacerbações da doença alérgica induzida pelo exercício, em particular nos atletas de alta competição;
- Melhorar o conhecimento e discussão sobre os fatores que contribuem para os problemas de saúde em atletas alérgicos ou asmáticos durante desportos recreativos e competitivos, por exemplo, o papel do ambiente, da alimentação e dos alérgenos de contacto;
- Promover um fórum de discussão científica na SPAIC com o objetivo de estabelecer padrões de atendimento na área da Alergia, Asma e Desporto, com o intuito de fomentar e contribuir para uma melhor experiência dos clínicos na prevenção e tratamento farmacológico destas condições;
- Divulgar as informações mais recentes sobre os cuidados aos atletas alérgicos, designadamente as recomendações da Agência Mundial Antidoping e da Autoridade Antidopagem de Portugal;
- Divulgar o papel da atividade física na promoção da saúde e como parte integrante de um plano de bem-estar geral;
- Reconhecer a obesidade como fator de risco para um fenótipo específico de asma e abordar as intervenções relacionadas com a perda de peso e a promoção

de dieta saudável na melhoria clínica deste fenótipo de asma.

Classicamente, sempre se olhou para o desporto como um dos principais desencadeantes de sintomas de asma, sendo que só mais recentemente se interpreta o desporto e os estilos de vida saudáveis como uma ferramenta terapêutica fundamental nestes doentes. Abandonou-se a visão do desporto enquanto algo lesivo, como poderá acontecer nos atletas de alta competição, para um prisma mais otimista de alicerçar um bom controlo da asma também nos benefícios comprovados do desporto.

O Grupo de Interesse tem tido um dinamismo que tem aumentado entre os associados da SPAIC, contando com um número crescente de membros. Para este sucesso e interesse em muito têm contribuído as diversas atividades do Grupo. Entre estas iniciativas destacam-se os cursos de formação para professores de Educação Física, efetuados a nível nacional. Estes cursos permitiram uma melhoria da interligação entre clínicos e professores de Educação Física, para que, apoiados num melhor conhecimento das patologias alérgicas, pudessem melhorar o acompanhamento escolar das crianças com estas patologias.

Para além desta iniciativa, foi organizada a 1.ª Edição da Corrida/Caminhada “A asma não me para”, que alerta para a mais-valia de um estilo de vida saudável nos doentes com asma. Esta Corrida/Caminhada foi um enorme sucesso, estando já a ser planeada uma 2.ª Edição, durante a próxima Reunião Anual da SPAIC, em outubro, na Figueira da Foz.

Desde já deixamos o repto à participação de todos os associados da SPAIC na mesma, bem como a qualquer pessoa que se queira a nós juntar nesta ação de sensibilização. No futuro, pretendemos continuar a ser um elo entre os clínicos e a comunidade, estabelecendo parcerias de investigação e formação, de forma a que, em conjunto, possamos melhorar a qualidade de vida dos nossos doentes.

Acompanhe as atividades e informações do Grupo em: <https://www.facebook.com/asmaealergianodesporto/>.

## Grupo de Interesse em Alergia Alimentar da SPAIC

# APOSTAR NUMA MAIOR DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÃO, TANTO AOS DOENTES COMO À COMUNIDADE MÉDICA

A alergia alimentar é uma patologia complexa, potencialmente fatal, que pode afetar todos os grupos etários, com predomínio na idade pediátrica, cuja prevalência tem aumentado nos últimos anos, tendo um impacto significativo na qualidade de vida dos doentes e seus familiares, afetando vários aspetos, nomeadamente emocionais, sociais e económicos.

Os recentes avanços no diagnóstico molecular, que permitem uma melhor compreensão da fisiopatologia dos vários fenótipos da expressão clínica e a procura de tratamentos efetivos, como os procedimentos de dessensibilização/indução de tolerância a alimentos (imunoterapia) e a utilização de biológicos, tornam premente a constante atualização de conhecimentos sobre esta patologia.

O diagnóstico e seguimento de alergia alimentar deve ser efetuado por um médico imunoalergologista experiente nesta área, de modo a haver uma orientação correta e adequada do plano de tratamento e seguimento, para minimizar os riscos para a saúde do doente e, por outro lado, evitar dietas de evicção desnecessárias.

O Grupo de Interesse em Alergia Alimentar foi criado em 2002, tendo como principais objetivos aumentar a visibilidade desta patologia, reforçar a importância de uma correta abordagem destes doentes, promover a formação e partilha de conhecimento nesta área, entre imunoalergologistas, mas também entre profissionais de saúde de outras áreas de conhecimento (como médicos de Medicina Geral e Familiar, gastroenterologistas, nutricionistas, psicólogos, etc.) que contactem com doentes com alergia alimentar, realização de estudos epidemiológicos, no sentido de melhor compreender a realidade desta patologia no nosso país, para além da articulação com outros grupos, nomeadamente associações de doentes, como a Alimenta.

Atualmente, o Grupo tem em curso vários projetos que permitam uma maior divulgação de informação, tanto aos doentes como à comunidade médica. Finalizámos a revisão dos folhetos informativos sobre as medidas de evicção específicas para os grupos de alimentos mais frequentemente envolvidos na alergia alimentar, que pretendemos disponibilizar *online*, no site da SPAIC, tanto na área reservada aos sócios da SPAIC como na área reservada à população em geral, até final de 2017.

Este GI conta, atualmente, com 46 membros, médicos imunoalergologistas (internos e especialistas) de vários serviços do País, tende a reunir-se habitualmente uma a duas vezes por ano, de modo a otimizar a continuidade dos projetos a que se propõe e avaliar as etapas realizadas, foi responsável pela realização de uma Reunião da SPAIC Primavera, em 2009, e participa ativamente na Reunião Anual da SPAIC, nomeadamente na organização de mesas-redondas e *workshops*, com temas na área da alergia alimentar.

É um privilégio poder contar com a disponibilidade, empenho e dinamização científica de todos os membros do Grupo de Interesse em Alergia Alimentar para o desenvolvimento desta área científica de grande importância para a nossa Sociedade, estando presente na próxima Reunião Anual, em outubro de 2017.



ANA CÉLIA COSTA  
Coordenadora do GI em Alergia Alimentar



ANA LUÍSA FERREIRA  
Secretária do GI em Alergia Alimentar

## Grupo de Interesse de Imunodeficiências Primárias da SPAIC



**TORRES DA COSTA**  
Coordenador do GI de Imunodeficiências Primárias



**SARA SILVA**  
Secretária do GI de Imunodeficiências Primárias

As imunodeficiências primárias (IDP) constituem um grupo de aproximadamente 300 doenças, bastante heterogêneas e que resultam essencialmente de defeitos no desenvolvimento e/ou função do sistema imunitário, incluindo defeitos nas células T e/ou B, no complemento ou na função fagocítica, entre outros.

A apresentação clínica das IDP é muito variável; a maioria dos doentes apresenta um risco aumentado para infeções, embora as doenças autoimunes e as neoplasias também sejam mais frequentes em algumas destas patologias.

## AUMENTAR O RECONHECIMENTO DAS IDP E PROMOVER O MELHOR ACESSO A CUIDADOS TERAPÊUTICOS

O diagnóstico precoce e a instituição de medidas terapêuticas são imperativos para minimizar a morbilidade e a mortalidade associadas a estas patologias. O seguimento em centros especializados tem demonstrado benefício no prognóstico destes doentes e no custo global imputado a estas patologias.

Os defeitos predominantemente de anticorpos constituem o grupo mais frequente de IDP, onde se inclui a imunodeficiência comum variável (IDCV), a IDP sintomática mais frequente na idade adulta. O défice seletivo de IgA, a agamaglobulinemia e o timoma com imunodeficiência (síndrome de Good) são outras das patologias incluídas neste grupo.

As imunodeficiências que afetam simultaneamente a imunidade celular e humoral têm habitualmente apresentação mais precoce. Neste grupo incluem-se as imunodeficiências severas combinadas (SCID, do inglês *severe combined immunodeficiency*), com um prognóstico bastante mais reservado, se não forem reconhecidas e tratadas de forma imediata, muitas vezes requerendo transplante de células estaminais nos primeiros meses de vida.

No grupo de defeitos congénitos dos fagócitos (número e/ou função) está incluída a doença granulomatosa crónica, que, atualmente, também pode ter indicação para transplante de células estaminais, com melhoria significativa da qualidade de vida e da sobrevida.

Nos últimos anos, temos assistido a uma evolução marcada no conhecimento científico acerca de muitas IDP a nível da fisiopatologia e das alterações genéticas subjacentes. Este conhecimento tem-se traduzido no aumento de possibilidades terapêuticas a oferecer a estes doentes.

O Grupo de Interesse em IDP tem como objetivo aumentar o reconhecimento destas patologias e promover o melhor acesso a cuidados terapêuticos nestes doentes. Pretende-se apoiar os clínicos que possam contactar com doentes com suspeita de IDP, facilitando a sua referenciação, e aqueles que seguem doentes com IDP confirmadas, fomentando a uniformização dos protocolos de diagnóstico e seguimento.

Para o próximo triénio, o Grupo apresenta vários projetos, nomeadamente:

- A continuação da avaliação da realidade portuguesa no âmbito das IDP, com a atualização da casuística nacional, iniciada em 2015 e apresentada na 36.ª Reunião Anual da SPAIC;
- A promoção do registo na plataforma internacional da European Society for Primary Immunodeficiencies (ESID), de forma a constituir uma representação adequada da realidade portuguesa e uma ferramenta de trabalho útil para os diferentes centros que seguem doentes com IDP;
- O desenvolvimento de protocolos terapêuticos comuns para complicações específicas de algumas IDP, nomeadamente de complicações não infecciosas na IDCV, como a doença linfocítica-granulomatosa, a enteropatia ou as citopenias autoimunes;
- A colaboração com a APDIP (Associação Portuguesa de Doentes com Imunodeficiências Primárias) para tradução e divulgação dos folhetos de informação para os doentes desenvolvidos pela International Patient Organization for Primary Immunodeficiency Diseases (IPOPI);
- A revisão dos conteúdos da página do GI de IDP no *website* da SPAIC, com disponibilização dos *links* das principais organizações de referência na área (Grupo Português de Imunodeficiências Primárias, GPIIP), no *website* da Sociedade Portuguesa de Imunologia (SPI), ESID, IPOPI e APDIP.

Está já em curso o processo de validação para língua portuguesa do inquérito de qualidade de vida na IDCV, para posterior aplicação à "coorte" nacional de doentes e comparação com "coortes" de outros países.

Em 2018, o Congresso da ESID será em Lisboa, de 24 a 27 de outubro, constituindo um excelente incentivo para a melhoria da nossa organização e, sobretudo, da qualidade dos cuidados que prestamos aos nossos doentes.

Grupo de Interesse em Alergia a Fármacos da SPAIC

# AGREGAR MÉTODOS DE DIAGNÓSTICO E ORIENTAÇÃO DE DOENTES COM ALERGIA A MEDICAMENTOS

O Grupo de Interesse em Alergia a Fármacos (GIAF) da SPAIC surge no ano 2000, por proposta dos sócios da SPAIC com interesse particular nesta área específica da Imunoalergologia. Inicialmente coordenado pela Dr.<sup>a</sup> Josefina Cernadas e secretariado pela Dr.<sup>a</sup> Emília Faria, o Grupo foi ganhando vitalidade, com a participação de vários membros da SPAIC em projetos comuns: elaboração de protocolos de orientação clínica, propostas de atividades científicas de formação e investigação clínica, com caráter multicêntrico e interdisciplinar.

Em 2008, com a coordenação da Dr.<sup>a</sup> Emília Faria e secretariado pela Dr.<sup>a</sup> Eva Gomes, o GIAF inicia a organização de reuniões de trabalho próprias, com o intuito de dinamização do Grupo através da discussão de casos clínicos, o debate de ideias e a proposta de realização de projetos conjuntos entre as várias unidades hospitalares de Imunoalergologia distribuídas pelo país.

Estudos recentes estimam que as alergias medicamentosas afetem cerca de 10% da população mundial e que este valor possa chegar a 20% nos doentes hospitalizados e com idade superior a 65 anos<sup>[1]</sup>. Os fármacos consideram-se os principais desencadeantes de anafilaxia na idade adulta<sup>[2]</sup>.

Estes factos e a complexidade da abordagem destes doentes serão, para além do próprio interesse dos sócios da SPAIC nesta temática, algumas das razões para que o GIAF conte com a participação de 43 inscrites neste Grupo de Interesse.

No atual triénio 2017-2019, tem como coordenador a Dr.<sup>a</sup> Joana Caiado, como secretário a Dr.<sup>a</sup> Luísa Geraldes e como membro júnior de ligação a Dr.<sup>a</sup> Bárbara Cardoso. Espera-se um trabalho conjunto em agregar métodos de diagnóstico e orientação de doentes com alergia a medicamentos.

Destacam-se os seguintes projetos em desenvolvimento:

- Protocolo de atuação nos casos de HS a tuberculotáticos, em colaboração com a Sociedade Portuguesa de Pneumologia;

- Divulgação de artigos científicos publicados na área de alergia a fármacos, da autoria dos membros do GIAF, na página *Web* da SPAIC;
- Revisão e proposta de folha de trabalho de reações perianestésicas;
- Estudo da hipersensibilidade a inibidores da bomba de protões;
- Elaboração da casuística nacional de dessensibilização a quimioterápicos (platinos, taxanos e biológicos);
- Estudo multicêntrico de alergia a betalactâmicos;
- Estudo do angioedema, induzido por fármacos.

De igual interesse é a representação do Grupo, pelos seus vários elementos, em importantes eventos científicos nacionais, na organização de cursos temáticos, conferências e mesas-redondas.

A representação do GIAF no Grupo de Interesse em Alergia a Fármacos da EAACI (ENDA) é notória. Deste último fazem parte vários dos membros do GIAF, com participação ativa em muitos dos diversos grupos de trabalho e com um membro pertencente à própria estrutura organizacional.

O elevado número de trabalhos científicos portugueses apresentados na área da alergia a fármacos na forma de "poster" ou de comunicações livres nos congressos internacionais da EAACI, DHM e AAAAI nos últimos anos, demonstra o trabalho que tem sido desenvolvido pelos membros do GIAF. Há que realçar também o convite de vários elementos do Grupo para colaborar em eventos científicos internacionais, quer como palestrantes, quer como membros de grupos de trabalho, para elaboração de "position papers" ou participar em investigação clínica de âmbito europeu.

O GIAF pretende, acima de tudo, melhorar o conhecimento nesta área da Imunoalergologia, estando aberto a todas as sugestões, questões e partilha de saber por quem tem interesse em alergia a medicamentos.



JOANA CAIADO  
Coordenadora do GI em Alergia a Fármacos



LUÍSA GERALDES  
Secretária do GI em Alergia a Fármacos

Referências:

1. Solé D., Ivancevich JC., Borges MS. Anaphylaxis in Latin American children and adolescents: The Online Latin American Survey on Anaphylaxis (OLASA). *Allergology Immunopathology (Madrid)*, 2012. 40(6) 331- 335.
2. Faria E., Rodrigues-Cernadas J., Gaspar A. et al., Grupo de Interesse de "Alergia a Fármacos" da SPAIC. Anafilaxia induzida por fármacos: Registo Nacional 2007-2010. *Rev Port Imunoalergologia*, 2012; 20(2): 93- 107.

## Grupo de Interesse de Anafilaxia e Doenças Imunoalérgicas Fatais da SPAIC



ÂNGELA GASPAR  
Coordenadora do GI de Anafilaxia e Doenças  
Imunoalérgicas Fatais



NATÁCHA SANTOS  
Secretária do GI de Anafilaxia e Doenças  
Imunoalérgicas Fatais

A maioria das doenças imunoalérgicas tem um prognóstico vital favorável, mas outras têm manifestações graves e potencialmente fatais, sendo a sua letalidade dependente, essencialmente, da não existência de um diagnóstico prévio, do não reconhecimento destes quadros agudos, menos frequentes, pelos próprios profissionais de saúde e da persistência de mitos ou conceitos errados quanto ao tratamento mais adequado destas situações.

Neste sentido, foi criado em outubro de 2014 o GI de Anafilaxia e Doenças Imunoalérgicas Fatais (GAN-DALF) da SPAIC, com o objetivo de aumentar a visibilidade e o conhecimento destas patologias por parte dos profissionais de saúde.

## AUMENTAR A VISIBILIDADE E O CONHECIMENTO DA ANAFILAXIA JUNTO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

O reconhecimento destes quadros graves e a sua orientação para Imunoalergologia permite delinear medidas de atuação em termos de diagnóstico e tratamento, oferecendo alternativas, estruturando a atuação de emergência e conduzindo intervenções terapêuticas específicas, que têm de ser efetuadas por especialistas com treino e experiência, como as vacinas anti-alérgicas para venenos de himenópteros ou látex ou protocolos de indução de tolerância para fármacos ou alimentos, aplicados de acordo com indicações específicas.

A anafilaxia é uma reação de hipersensibilidade sistémica grave, potencialmente fatal, resultante da ativação e desgranulação de mastócitos e basófilos, com consequente libertação maciça de mediadores, após contacto com o agente causal.

Os sintomas podem ser múltiplos, de cutâneos a respiratórios, de gastrintestinais a cardiovasculares. O colapso cardiovascular (choque anafilático), muitas vezes causa de morte, pode ser a única manifestação. Nos últimos anos, tem-se verificado um aumento na frequência de anafilaxia, com uma prevalência de 0,05% a 2%, apontando uma revisão para uma estimativa de 0,3%, ou seja, 1 em cada 300 indivíduos sofre um episódio de anafilaxia durante a sua vida.

Os alimentos e os fármacos são as causas mais frequentes, respetivamente, na criança e no adulto. Os principais alimentos implicados são o leite, ovo, marisco, peixe, amendoim, frutos secos, frutos frescos (pêssego e outros frutos com caroço, e kiwi) e sementes. O contacto com estes alérgenos, mesmo em quantidades mínimas, pode relacionar-se com risco de vida; a ingestão não reconhecida de alérgenos alimentares, ocultos em outros alimentos (por exemplo, leite misturado com sumos de frutas ou bebidas alcoólicas), pode ser fatal.

Nos fármacos, o principal destaque é para os antibióticos betalactâmicos e anti-inflamatórios não esteroides. A anafilaxia a veneno de himenópteros (abelha e vespa) é também importante, tais como outras causas, incluindo a anafilaxia induzida pelo frio, anafilaxia induzida pelo exercício, anafilaxia ao látex e outros alérgenos.

Existem ainda doenças específicas, como a mastocitose, em que há uma maior propensão para episódios de anafilaxia, alguns mesmo sem uma causa identificada, que devem ser investigadas e excluídas em determinadas situações.

A anafilaxia continua a ser alvo de subdiagnóstico e deficiente abordagem terapêutica. A adrenalina, apesar de recomendada como tratamento de primeira linha nos consensos, e de o atraso na sua administração ou a não utilização serem fator de risco para maior gravidade e morte, continua a ser subutilizada no serviço de urgência.

Há também atraso na referenciação para a Imunoalergologia para orientação e esclarecimento etiológico, o que pode potenciar o risco de futuras reações. O doente deve ser portador de identificativo (relatório, cartão, pulseira ou colar) da sua situação clínica e a prevenção da anafilaxia deve englobar a prescrição do dispositivo autoinjeter de adrenalina.

O âmbito do Grupo de Interesse engloba outras doenças imunoalérgicas graves e potencialmente fatais, com destaque para o angioedema hereditário. É uma doença rara, de transmissão autossómica dominante, em que há uma deficiência de C1-inibidor, quantitativa ou funcional.

Na maioria das vezes há história familiar, mas um quarto dos casos surge como mutações de novo. O resultado desta deficiência é a produção excessiva de bradicinina, que causa aumento da permeabilidade vascular e consequente angioedema. A maior parte das crises é desencadeada por *stress*, traumatismos ou infeções. Podem causar limitação social ou incapacidade profissional, por desfiguração importante ou edema incapacitante, ou podem mesmo matar por asfixia se envolverem a laringe. Os fármacos para tratamento destas crises são o concentrado de C1-inibidor e o icatibant, ambos apenas disponíveis em algumas unidades hospitalares.

Sempre que haja suspeita clínica de anafilaxia ou de angioedema hereditário, o médico deverá referenciar o doente a uma consulta de Imunoalergologia.

## Grupo de Interesse de Alergénios e Imunoterapia da SPAIC

# FORMAÇÃO E ATIVIDADES DE CARÁTER CIENTÍFICO

A criação do Grupo de Interesse Alergénios e Imunoterapia data de 2002, aquando da formação dos grupos de interesse na SPAIC, durante a presidência da Prof.<sup>a</sup> Ana Todo-Bom (2002-2004). Inicialmente, sob o nome de Grupo de Interesse de Imunoterapia Específica, a sua coordenação esteve a cargo do Dr. José Lopes dos Santos (2002-2004) e do Prof. Doutor Filipe Inácio (2005-2008). Nestes dois períodos, o secretariado esteve a cargo da Dr.<sup>a</sup> Amélia Spínola Santos.

De acordo com a evolução científica da especialidade de Imunoalergologia, no triénio 2008-2010, os grupos de interesse da SPAIC sofreram uma primeira reestruturação e o Grupo de Imunoterapia Específica fundiu-se com dois dos grupos pré-existentes (Grupo de Alergia a Venenos de Himenópteros e Grupo de Alergia ao Látex) adquirindo uma nova designação "Grupo de Alergénios e Imunoterapia". Esta fusão foi justificada pela alteração da nomenclatura e pelo avanço no diagnóstico molecular da alergia.

O Grupo de Alergia a Venenos de Himenópteros foi coordenado pela Dr.<sup>a</sup> Elisa Pedro e secretariado pela Dr.<sup>a</sup> Alice Coimbra, no período de 2002 a 2007. O Grupo de Alergia ao Látex foi coordenado pelo Prof. Doutor Branco Ferreira e secretariado pelo Dr. Mário Miranda, no período de 2002 a 2007.

No triénio 2008-2010, já com a nova designação de Grupo de Interesse Alergénios e Imunoterapia, assumem os cargos de coordenador o Dr. Carlos Nunes e de secretária a Dr.<sup>a</sup> Elisa Pedro, até final de 2013. No triénio 2014-2016 foi nomeada a Dr.<sup>a</sup> Amélia Spínola Santos como coordenadora e o Dr. Luís Araújo como secretário, cargos que se mantêm no triénio 2017-2019.

Em 2014, na sequência das necessidades específicas da especialidade, alguns dos elementos dos 3 grupos anteriormente mencionados uniram esforços para criar o Grupo de Interesse Anafilaxia e Doenças Imunoalérgicas Fatais.

Os objetivos do Grupo de Interesse Alergénios e Imunoterapia são:

- Desenvolver atividade de carácter científico, como publicações de orientações nacionais, assim como a realização de trabalhos multicêntricos nas áreas de diagnóstico alérgico (*in vivo* e *in vitro*) e imunoterapia com alergénios;

- Promover formação continuada básica e avançada, no sentido de otimizar o diagnóstico em alergia e, conseqüentemente, da imunoterapia com alergénios;

- Colaboração ativa com outros grupos de interesse, nomeadamente, Rinite, Asma, Anafilaxia e Doenças Imunoalérgicas Fatais, etc.;

- Participação ativa em grupos de trabalho internacionais.

## Atividades

No sentido de alcançar os objetivos, o Grupo tem dinamizado as seguintes atividades:

1. Participação e organização em ações de Formação Básica em *workshops* nas reuniões anuais da SPAIC

- 1.1. *Workshop* – "Imunoterapia específica", outubro de 2010, Funchal

- 1.2. *Workshop* – "Pautas de imunoterapia", outubro de 2011, Porto

- 1.3. *Workshop* – "Imunoterapia sublingual *versus* subcutânea", outubro de 2013, Algarve

- 1.3. *Workshop* – "Imunoterapia a aeroalergénios", outubro de 2014, Porto

- 1.4. *Workshop* – "Imunoterapia", outubro de 2015, Coimbra

- 1.5. *Workshop* – "Imunoterapia", outubro de 2016, Lisboa

2. Participação e organização em outras ações de Formação Básica

- 2.1. *Interação* – "Imunoterapia específica – Prática clínica alérgológica", novembro de 2010, Lisboa

- 2.2. *Physalis* – Imunoterapia, dezembro de 2014, Leiria

3. Organização e participação em cursos de Formação Avançada:

- 3.1. Primeira Edição do Curso de Alergénios e Imunoterapia - Abordagem Molecular, Sede da SPAIC/FMUL, junho de 2014, Lisboa

- 3.2. Segunda Edição do Curso de Alergénios e Imunoterapia - Abordagem Molecular, Reunião Anual SPAIC, outubro de 2014, Porto

- 3.3. Terceira Edição do Curso de Alergénios e Imunoterapia - Abordagem Molecular, Sede da SPAIC/FMUL, outubro de 2015, Coimbra

- 3.4. Curso Temático: Alergénios Moleculares Aplicados à Clínica, outubro de 2016, Lisboa

4. Participação em reuniões

- 4.1. Participação em várias reuniões anuais de elementos do Grupo com preleções na área de alergénios e imunoterapia;

5. Publicações

- 5.1. Nunes C, Pedro E, Spínola Santos A, Lopes A, Costa AC, Todo-Bom *et al.* Normas de Orientação em Imunoterapia Específica. *Rev Port Imunoalergol* 2011; 19: 199-213.



AMÉLIA SPÍNOLA SANTOS  
Coordenadora do GI de Alergénios  
e Imunoterapia



LUÍS ARAÚJO  
Secretário do GI de Alergénios  
e Imunoterapia

## Grupo de Interesse de Alergia Cutânea da SPAIC



CRISTINA LOPES  
Coordenadora do GI de Alergia Cutânea



MARTA NETO  
Secretária do GI de Alergia Cutânea

## CRIAÇÃO DE PLATAFORMAS DE TRABALHO COM REGISTO NACIONAL

A pele é, por excelência, o maior órgão do corpo humano, funcionando como um escudo entre o ambiente e o sistema imune.

Por um lado, a alteração desta barreira cutânea, por existência de fenótipos genéticos inerentes à própria barreira e também ao próprio sistema imunológico, associado a fatores ambientais como os alérgenos e os agentes infecciosos, por outro, a existência de fenómenos autoimunes, com consequente indução de uma resposta inflamatória cutânea, contribuem para a disfunção da pele e representam um risco para o aparecimento e cronicidade das patologias do foro da alergia cutânea.

Assim, a patologia alérgica cutânea engloba várias entidades nosológicas, com expressão clínica variável, nomeadamente a dermatite atópica, a urticária/angioedema e a dermatite de contacto alérgica, que requerem uma avaliação criteriosa, cada vez mais facilitada pelo avanço na metodologia de classificação e aferição, no sentido de acelerar o controlo do doente a nível físico e também permitir o bem-estar psicológico.

O principal objetivo do Grupo de Interesse de Alergia Cutânea, para o triénio 2017-2019, é desenvolver atividades de formação dirigidas quer aos internos de Imunoalergologia, quer de Medicina Geral e Familiar, e também criar plataformas de trabalho, como o registo nacional de doentes e a elaboração de protocolos de atuação que permitam uniformizar determinados procedimentos, quer em termos de diagnóstico, quer de terapêutica.

Cada vez mais a Medicina Baseada na Evidência requer a utilização de vários instrumentos de avaliação standardizados, em que existe uma componente subjetiva, mas também objetiva, como é o caso do SCORAD (*score atopic dermatitis*), do UAS7 (*urticaria activity score*), ou do AAS7 (*angioedema activity score*), e que veicula a possibilidade de uma ponderação adequada para o enquadramento clínico do doente.

Esta base de trabalho permitirá o reconhecimento mais precoce da patologia cutânea em causa, com a devida instituição de escalada terapêutica, com critérios devidamente definidos, que contribuirá para a minimização das consequências do estado inflamatório e visará o controlo do doente.

A 38.<sup>a</sup> Reunião da SPAIC, a realizar-se em outubro de 2017, será dedicada ao tema "Alergia e Qualidade de Vida". A patologia alérgica cutânea pode ser estigmatizante e condicionar a qualidade de vida em diferentes aspetos, por interferência da doença cutânea com as atividades diárias, a interação social, a produtividade a nível laboral/escolar e com os objetivos e expectativas que o próprio indivíduo ambiciona.

Além disso, existe um comprometimento do bem-estar psicológico, que está afetado devido a fatores como a depressão, a ansiedade, a tensão emocional ou as alterações do sono.

Atualmente, estão disponíveis vários questionários de qualidade de vida, específicos para cada patologia, que podem ser aplicados ao doente, numa primeira abordagem e ao longo do seu seguimento, permitindo, assim, uma caracterização mais precisa e abrangente.

A abordagem multidisciplinar é sempre muito importante e a sensibilização ao nível de enfermeiros, psicólogos, educadores, professores, pais, entidades patronais e dos próprios doentes permite a consciencialização de cada interveniente, no sentido da contribuição ativa para a melhoria dessa mesma qualidade de vida.

Grupo de Interesse em Cuidados de Saúde Primários da SPAIC

# AUMENTAR O NÚMERO DE ESPECIALISTAS DE MGF NAS REUNIÕES ANUAIS

É um dado confirmado que as doenças alérgicas são cada vez mais comuns na população mundial, condicionando um acréscimo substancial nos custos de saúde diretos e indiretos.

Apesar da indiscutível importância do especialista em Imunoalergologia, a grande maioria dos casos de patologia alérgica são observados, inicialmente, por especialistas em Medicina Geral e Familiar nos cuidados de saúde primários. É, por isso, evidente a importância destes profissionais no correto reconhecimento, tratamento, seguimento e encaminhamento do doente alérgico, criando a base de uma rede de referência hospitalar eficaz.

A Direção da SPAIC, considerando o interesse crescente de médicos de outras especialidades em melhorar os seus conhecimentos na área da Imunoalergologia, e reconhecendo a necessidade de divulgar as novas formas de tratar a alergia, criou em 2011 o Grupo de Interesse em Cuidados de Saúde Primários, como ponto de ligação entre a MGF e a Imunoalergologia.

Desde essa data, foram organizadas pela SPAIC diversas iniciativas para promover a divulgação das doenças alérgicas junto da comunidade médica a trabalhar nas diferentes unidades de saúde ao nível dos cuidados de saúde primários; realizadas ações de formação dirigidas especificamente a esses profissionais; e criados materiais de consulta rápida para serem utilizados no dia-a-dia da prática clínica.

O Grupo de Trabalho para o triénio de 2017/2019 propõe-se prosseguir o excelente trabalho realizado nos últimos anos e continuar a divulgação de conhecimento acerca de Imunoalergologia ao maior número de profissionais de saúde possível.

Nesse sentido, em parceria com o GRESP – Grupo de Estudos de Doenças Respiratórias da APMGF, irá tentar aumentar o número de especialistas de MGF e de outras especialidades presente nas suas reuniões anuais, com a criação de um dia inteiramente dedicado aos CSP.

Além disso, irá também criar um novo modelo de formação dirigido a jovens especialistas e internos de Medicina Geral e Familiar, denominado Escola de Outono da SPAIC, que terá como objetivo proporcionar uma formação sólida em Imunoalergologia, ao longo de um programa de 3 dias.



**RUI COSTA**  
Coordenador do GI em Cuidados de Saúde Primários



**PEDRO SILVA**  
Secretário do GI em Cuidados de Saúde Primários



## Grupo de Interesse de Rinite da SPAIC



ANA MARGARIDA PEREIRA  
Coordenadora do GI de Rinite



JOSÉ GERALDO DIAS  
Secretário do GI de Rinite

## PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS PARA CONHECER MELHOR A REALIDADE PORTUGUESA

A rinite associa-se frequentemente à conjuntivite, à sinusite e à asma. A relação com a asma reveste-se de particular importância: a rinite precede, frequentemente, a asma, sendo um fator de risco independente para o seu desenvolvimento; a maior gravidade da rinite está associada com o aumento da gravidade da asma, com uma menor resposta ao tratamento e com perda/ausência de controlo.

A rinite é uma das doenças crónicas mais frequentes a nível mundial, estimando-se que atinja entre 10 e 20% da população. Em Portugal, alguns estudos recentes, de base populacional, estimaram prevalências idênticas ou superiores às referidas mundialmente. O estudo INPA, Inquérito Nacional de Prevalência de Asma (2010), por exemplo, incluiu mais de 6000 participantes e estimou que, globalmente, 22% da população portuguesa tem rinite.

Os estudos ARPA avaliaram a prevalência de rinite em diversos grupos etários, sendo de referir, em particular, os estudos em crianças de idade pré-escolar e em idosos. No estudo ARPA-kids (2007), em 5018 crianças dos 3 aos 5 anos, a prevalência de rinite atingiu os 43%. No entanto, 74% das crianças com rinite não tinham diagnóstico médico prévio e apenas cerca de 25% tinham feito tratamento no ano anterior.

Na população com idade  $\geq 65$  anos (ARPA-seniores, 2008), a prevalência de rinite foi de 30%, com mais de 40% destes indivíduos a referir sintomas nasais com interferência nas atividades diárias e/ou no sono. Também neste grupo etário a rinite estava subdiagnosticada e subtratada.

Numa patologia crónica com prevalência elevada, os custos associados à doença tornam-se uma questão central. Não há estudos publicados sobre os custos da rinite em Portugal, mas, em Espanha, sabe-se que esta patologia é responsável por custos diretos e indiretos elevados, atingindo um total de 1708€/doente/ano (584€ e 1125€, respetivamente). O diagnóstico adequado e o tratamento precoce da rinite poderão controlar a doença, prevenir as suas comorbilidades e reduzir os seus custos totais, particularmente os indiretos.

Os corticosteroides nasais são a terapêutica de primeira linha da rinite, especialmente nas formas moderadas-graves. Nas situações de rinite não controlada com o tratamento *standard* (corticosteroide nasal, anti-histamínico não sedativo, antagonista dos recetores dos leucotrienos e/ou períodos curtos de descongestionante nasal ou corticosteroide sistémico), a possibilidade de fazer imunoterapia específica antialérgica deve ser considerada; este tratamento, quando devidamente selecionado, tem o potencial de alterar a evolução da doença alérgica e prevenir o desenvolvimento futuro de asma.

Recentemente, tal como acontece noutras patologias, tem sido reconhecida a importância de adaptar o tratamento da rinite às suas manifestações clínicas. Efetivamente, sendo a rinite uma patologia com múltiplas etiologias, com diferentes características clínicas e respostas ao tratamento, vários autores propuseram classificações fenotípicas como uma forma de agrupar indivíduos com padrões clínicos semelhantes. No entanto, as implicações terapêuticas e prognósticas destas classificações não estão ainda bem estudadas.

O Grupo de Interesse de Rinite tem vindo a colaborar com a Direção da SPAIC na elaboração dos programas científicos das Reuniões Anuais e na organização das Reuniões da Primavera. Desde finais de 2014, o Grupo de Interesse de Rinite tem um grupo no *Facebook* dirigido aos membros da SPAIC, com o objetivo de possibilitar uma partilha regular de artigos e outras informações científicas, promovendo a divulgação de avanços no conhecimento da rinite e do seu tratamento.

Faz ainda parte dos objetivos do Grupo de Interesse de Rinite a realização e/ou participação em estudos que ajudem a aprofundar o conhecimento acerca da rinite, em Portugal, e em ações que promovam a consciencialização da população geral e dos médicos de outras especialidades em relação às patologias inflamatórias crónicas das vias aéreas superiores.

O Grupo de Interesse de Rinite da SPAIC foi criado em 2002, em resposta ao crescente reconhecimento da importância da rinite em Portugal.

O termo rinite é usado para descrever sintomas nasais (congestão, rinorreia, espirros e prurido) que resultam da inflamação ou disfunção da mucosa nasal. Apesar de não ser uma doença potencialmente fatal, a presença destes sintomas pode contribuir para a perturbação do sono, fadiga, cefaleias, irritabilidade e alteração do desempenho cognitivo.

Grupo de Interesse de Asma da SPAIC

# PROMOÇÃO DA INVESTIGAÇÃO E MAIOR INTERVENÇÃO NA COMUNIDADE

Em Portugal existe cerca de um milhão de pessoas com asma, entre crianças e adultos, sendo que mais de 300 mil terão tido uma crise no último ano. Uma em cada três crianças portuguesas com asma já esteve internada em consequência da doença. O seu controlo é, pois, ainda insuficiente e muitas pessoas não sabem, sequer, que têm a doença.

Episódios de tosse, de pieira/"chiadeira" no peito, "falta de ar", "sensação de peso/aperto no peito" ou cansaço são sintomas frequentes de asma. Algo que se repete no tempo, com intervalos que podem ser totalmente livres de sintomas, ou, pelo contrário, persistir tosse, pieira ou cansaço quando há um esforço físico, "sempre que corre", por vezes, "só de rir à gargalhada"... Até à próxima crise.

As queixas podem ter início em qualquer idade (não há "novos demais", nem "velhos demais") e associam-se muitas vezes à rinite (alérgica ou não alérgica) ou à dermatite atópica, no próprio doente ou nos seus familiares. O diagnóstico é clínico, assente numa história clínica cuidada, mas a designação "Asma" ainda assusta muito. É necessário informar e desmistificar. É possível controlar a asma e não é preciso ter receios do tratamento.

Para além dos medicamentos, o tratamento da asma engloba medidas de controlo do ambiente, tais como a evicção tabágica, de alérgenos relevantes para o doente e o controlo das infeções. Os medicamentos atualmente disponíveis no mercado permitem controlar os sintomas e a inflamação das vias aéreas, melhorar a função pulmonar e a qualidade de vida e reduzir a mortalidade, ao mesmo tempo que são seguros quando corretamente utilizados.

Os corticosteroides inalados são os fármacos de primeira linha para controlo da asma em todas as idades e também na grávida. Foi a sua utilização prolongada no tempo que veio mudar por completo o paradigma da asma, com uma redução franca da mortalidade por esta doença e uma melhoria muito significativa na qualidade de vida dos doentes.

As doses preconizadas são seguras por via inalatória, sendo a utilização correta dos dispositivos de terapêutica inalatória fundamental para o sucesso do tratamento. Os broncodilatadores de longa ação inalados, aprovados para utilização acima dos 4 anos de idade,

são fármacos eficazes e seguros no controlo da doença, desde que respeitada a advertência de que a sua utilização na asma deve ser sempre associada a corticosteroides inalados.

Pelo contrário, o uso frequente, excessivo, de broncodilatadores de curta ação ou a toma de corticosteroides orais associam-se a efeitos adversos e pior controlo, sendo marcadores de mau prognóstico. Nos casos, menos comuns, em que os tratamentos de controlo na asma não sejam eficazes, em que possa haver algum efeito secundário, ou em caso de dúvida de diagnóstico, a avaliação pelo médico especialista em Imunoalergologia será muito útil, existindo ao dispor outros tratamentos, nomeadamente fármacos biológicos eficazes em determinadas subpopulações de doentes.

O objetivo a alcançar com cada doente é o controlo total dos sintomas e a redução do risco futuro. A avaliação médica regular é fundamental para ajuste correto da medicação para doses mínimas necessárias, sem perda de controlo. Na avaliação do risco, a espirometria com prova de broncodilatação deve ser realizada no início do tratamento e, pelo menos, anualmente para identificar os melhores valores funcionais respiratórios e mantê-los. Este exame funcional respiratório é, assim, importantíssimo no diagnóstico e na monitorização da asma.

O Grupo de Interesse de Asma da SPAIC tem como principal objetivo promover o controlo da asma e a melhoria dos cuidados e da qualidade de vida dos doentes. De uma forma resumida, pretende-se promover o conhecimento e divulgar informação baseada em evidência científica sobre asma, para a população em geral, para profissionais de saúde e, em concreto, para médicos, dentro e fora da especialidade de Imunoalergologia.

A continuação da promoção e desenvolvimento da investigação na área é uma das linhas de ação do Grupo. Pretende-se também aumentar a intervenção junto da comunidade com medidas promotoras e facilitadoras da saúde das pessoas com asma, em estreita ligação com outros grupos de interesse da SPAIC, bem como com associações de doentes, outras sociedades científicas e entidades responsáveis, nacionais e internacionais, dedicadas e envolvidas no controlo ativo da asma.



CELSO PEREIRA  
Coordenador do GI de Asma



HELENA PITÉ  
Secretária do GI de Asma

## Grupo de Interesse em Aerobiologia da SPAIC



CARLOS NUNES  
Coordenador do GI em Aerobiologia



MÁRIO MORAIS DE ALMEIDA  
Secretário do GI em Aerobiologia

O Grupo de Interesse em Aerobiologia da SPAIC teve início no ano de 2002, aquando da formação inicial dos grupos de trabalho. Numa fase preliminar, o grupo foi constituído pelos Dr. José Ferraz de Oliveira (Porto), Doutora Ana Todo Bom (Coimbra), Dr.ª Ângela Gaspar (Lisboa) Doutor Rui Brandão (Évora) e Dr. Carlos Nunes (Portimão).

O objetivo foi estudar os níveis de pólen atmosférico em Portugal que, de alguma forma, pudessem estar correlacionados com alergias. Até essa data, os estudos eram esporádicos e limitados a um ou outro local e a esmagadora maioria dos estudos estava relacionada com a agricultura, usando-se captadores não volumétricos.

## CALENDÁRIOS POLÍNICOS AJUDAM DOENTES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Os calendários polínicos constituem, de facto, instrumentos fundamentais para a orientação clínica de doentes alérgicos. Em Portugal, a sua elaboração, de forma sistematizada e cobrindo grande parte do território nacional, teve início em 2002.

Com esse objetivo, foram colocados polinómetros volumétricos de recolha contínua em cinco cidades do país, tentando, numa fase inicial, cobrir todas as cinco regiões do País: Porto, Coimbra, Lisboa, Évora e Portimão.

O estudo das características dos pólenes foi essencial para a elaboração dos calendários polínicos característicos de cada região, obtidos a partir das contagens de pólen nessas regiões durante todo o ano e não por pequenos períodos. Eles, por si só, constituem instrumentos fundamentais na orientação de doentes alérgicos, tendo ficado disponíveis calendários elaborados a partir da identificação dos diferentes tipos polínicos com importância em Imunoalergologia.

Essas contagens, identificação e caracterização diária por hora, tipo e frequência ao longo das 52 semanas de cada ano foram objeto de análise descritiva e comparativa, tendo dado origem à elaboração de mais de duas dezenas de trabalhos científicos ao longo dos anos, quer sob a forma de publicação de artigos originais em revistas nacionais e estrangeiras, quer sob a forma de comunicações orais ou *posters*. A maioria dos estudos publicados está disponível na *Revista Portuguesa de Imunoalergologia*.

Em geral, as épocas de incidência aeropolinológica máxima são também as de maior expressão sintomatológica. Estudos realizados em doentes com polinose chegaram a esta conclusão pela existência de uma maior atividade da doença no decurso da época polínica.

Foi assim constituída, com base nas informações disponíveis nas contagens e caracterização dos pólenes, a Rede Portuguesa de Aerobiologia (RPA). Foram então elaboradas, em conjugação com as previsões meteorológicas, informações públicas:

1 - No sítio da Rede Portuguesa de Aerobiologia, sobre pólenes em todo o País [www.rpaerobiologia.com](http://www.rpaerobiologia.com);

2 - Elaboração semanal durante os meses de primavera de um boletim polínico com distribuição nacional através dos media (televisão, rádios, jornais, etc.);

3 - Elaboração semanal de informação > 3000 pessoas (profissionais de saúde, doentes, outros interessados) sobre pólenes por região e através de correio eletrónico;

4 - Participação semanal na rubrica Boletim Polínico, na RTP, durante a primavera.

O GI elaborou os calendários polínicos na região do Algarve (10 anos), região de Lisboa (10 anos), região do Porto (10 anos), Alto Alentejo (região de Évora). Recentemente, também elaborou os calendários polínicos da Ilha de S. Miguel e da Ilha da Madeira.

Nos últimos 5 anos, e após a instalação de mais polinómetros no País, a divulgação do Boletim Polínico passou a ser habitual nos noticiários de várias estações de televisão, assim como em muitos jornais e em muitas estações de rádio.

Foram, ao longo dos anos, estabelecidos acordos de colaboração científica, diga-se protocolos de investigação, com as universidades dos Açores, Funchal, Algarve, Coimbra e Évora.

Para além do estudo dos pólenes, nos últimos anos, têm vindo a ser estudados os níveis de esporos fúngicos e suas eventuais correlações com sintomatologia clínica. Também nesta área já foram publicados estudos na *Revista Portuguesa de Imunoalergologia*.

O conhecimento dos níveis de pólenes e de fungos na atmosfera é primordial para que haja uma adequada informação quer para os profissionais de saúde, quer para os doentes portadores de alergia, por forma a poderem efetuar uma adequada e correta prevenção e tratamento.

O centro de investigação da RPA está localizado na Universidade de Évora, local onde a SPAIC possui a instalação do equipamento necessário para a elaboração dos estudos relacionados com os pólenes.



PUBLICIDADE



PUBLICIDADE